

EDUCAÇÃO FÍSICA, LAZER E MULTICULTURALISMO: SENTIDOS E DESAFIOS

Recebido em: 03/02/2012

Aceito em: 30/08/2012

*Antonino Pereira*¹

Escola Superior de Educação – Instituto Politécnico de Viseu
Viseu – Portugal

*Hélder Ferreira Isayama*²

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG
Belo Horizonte – MG – Brasil

*Luciane Silveira*³

*Camilo Cunha*³

Instituto de Educação – Universidade do Minho
Braga – Portugal

RESUMO: Existem diversos documentos internacionais e autores de referência que sublinham o papel da Educação Física, Lazer e Desporto na promoção do multiculturalismo. Porém, verifica-se que existem ainda muitas situações onde tais recomendações são ainda ignoradas ou então a sua concretização enfrenta muitos constrangimentos e dificuldades. Por outro lado, a pesquisa efetuada acerca desta temática é ainda muito reduzida. Nesse sentido, este artigo tem como objetivo efetuar uma reflexão acerca de perspectivas e abordagens do multiculturalismo no âmbito da Educação Física, Lazer e Desporto.

PALAVRAS CHAVE: Educação Física e Treinamento. Atividades de Lazer. Esportes. Diversidade Cultural.

PHYSICAL EDUCATION, LEISURE AND MULTICULTURALISM: CHALLENGES AND DIRECTIONS

ABSTRACT: There are various international documents and reference authors that emphasize the role of Physical Education, Leisure and Sport in the promotion of multiculturalism. However, it appears that there are many situations where such recommendations are still ignored or their implementation faces many constraints and difficulties. Moreover, the research carried out on this theme is still very low. Thus, this article aims to make a reflection on the perspectives and approaches to multiculturalism in the context of Physical Education, Leisure and Sport.

KEYWORDS: Physical Education and Training. Leisure Activities. Sports. Cultural Diversity.

Introdução

Falar em multiculturalismo no contexto de uma sociedade global, complexa, mas também com fortes identidades diferenciadas (individuais) faz todo o sentido. Também faz sentido abordá-lo á luz de uma área do conhecimento e da ação como é o caso da Educação Física e do Lazer. Essas áreas são, sem dúvida, locus onde os processos multiculturais se fundem e se desenvolvem.

A literatura dá-nos conta deste fato. Taylor (1998) afirma que as sociedades atuais estão a tornar-se, cada vez mais, multiculturais, devendo assim todos os indivíduos possuir os mesmos direitos civis e de voto, e usufruir do pressuposto que todas as culturas tradicionais têm valor.

Muitos indivíduos, de várias minorias étnicas, por vezes têm de lidar com múltiplas barreiras que agem em conjunto para restringir o acesso à educação, e as oportunidades sociais, culturais e econômicas (TAYLOR; DOHERTY, 2005). Estas restrições limitam a sua participação plena na sociedade e tem consequências significativas na sua qualidade de vida e bem-estar. Podem também contribuir para problemas sociais tais como a pobreza, o desemprego, a alienação social, a exclusão e o crime.

A participação em atividades desenvolvidas no âmbito da Educação Física, Lazer e Desporto pode constituir uma experiência positiva e contribuir com a formação da identidade e inclusão social (TAYLOR; DOHERTY, 2005).

Efetivamente, a força cultural e social do desporto e a sua crescente importância nesta sociedade globalizada pode prestar um valioso contributo às grandes causas sociais do desenvolvimento (CONSTANTINO, 2012). Através da força congregadora que mobiliza, pode aproximar pessoas e facilitar o diálogo entre nações, desde que os

responsáveis políticos e desportivos saibam usar todo o seu capital de influência para aproximar os povos, encontrar soluções de paz e um desenvolvimento mais justo e equilibrado

No âmbito da Educação Física, a reduzida investigação acerca desta temática (CHOI; CHEPYATOR-THOMSON, 2011) indica que existe até um certo silêncio, e até mesmo algum nervosismo, em torno das minorias culturais e das questões associadas á inclusão (MACDONALD *et al.*, 2009). Urge pois promover a reflexão e a investigação acerca duma temática de grande relevância para a intervenção dos profissionais de Educação Física, Lazer e Desporto (MESQUITA; ROSADO, 2009).

Assim sendo, este artigo tem como objetivo desenvolver uma reflexão acerca das perspetivas e abordagens do multiculturalismo no âmbito da Educação Física, Lazer e Desporto.

1. Sobre cultura e multiculturalidade

A história cultural é um campo dinâmico e questionável de investigações de estudos e teorias. Trilhar uma investigação neste contexto comprometeria em lidar com perguntas delicadas e de grande desafio. A cultura, tema de grande controvérsia, que permeia o mundo académico nos dias atuais encontra no livro *Da Diáspora Identidades e Mediações Culturais* de Stuart Hall uma significativa contribuição para esse debate. Nesta obra o autor declara que estamos continuamente em processo de desenvolvimento cultural e que “a cultura não é uma questão de antologia, de ser, mas de se tornar” (HALL, 2006, p. 43). Como bem reforça Wieviorka (2002, p. 26) quando reconhece a cultura como complexa, como uma área em incessante expansão. No campo antropológico, cultura é um conjunto de normas que nos diz como a sociedade pode e

deve ser classificada. Como bem denomina a antropologia social, cultura é a própria representação da vida social, ou seja, o modo como pessoas de um determinado grupo atua, pensa e modifica o mundo e a si mesmo (MATTA, 1981). A legitimidade da prática humana, imprescindível ao entendimento do fenómeno cultural.

Fernandes (1999, p. 13) em sua análise cultural, reconhece a cultura como um estado da própria presença humana, na sua maior característica, já que é através da cultura que o homem alcança a seu autêntico significado. Na visão antropológica e social a cultura subsiste na própria sociedade oferecendo a seus membros exemplos de conduta.

É imprescindível compreendermos que é através das diversidades e diferenças que se constrói o conceito mais consistente da palavra cultura, na contemporaneidade, deparamos com um conceito aberto, mutável, como bem refere Peron (2008). A cultura nos dias atuais é encarada como elemento fundamental na discussão da vida social. A cultura é, sobretudo hoje, usada como recurso político, partindo desta definição, defrontamos com a declaração de Wieviorka (2002, p. 22) de que a ciência e a prática política resultam de um conhecimento empírico sobre os atuantes e suas reivindicações, que devem ser levadas em consideração.

De acordo Hall (2006, p. 16) quem elabora hipótese necessita alcançar “os limites de sua experiência e, em esforço de imaginação, de abstração, comunicar-se além delas”. A procura de novas ferramentas teóricas brota também das provocações com as quais os estudiosos deparam (MATTELART; NEVEU, 2004).

É, pois, evidente que habitamos numa sociedade complexa, plural e desigual, fato este que acabar por originar diversas e singulares culturas. Esta diversidade expressa-se de forma límpida e marcante nos dias que se seguem desaguando em uma perceptível

desigualdade social, que acaba por gerar conflitos sociais entre as diferentes classes, que lutam pela conquista de seus direitos e pelo respeito à diferença. Como assinala Wieviorka (2002) é a partir da divergência cultural que uma pessoa é flagelada socialmente ou flagela o outro. O inerente percurso histórico da multiplicidade cultural é em si mesmo o grande problema para se discutir o papel a ser desempenhado pelas políticas públicas no combate as desigualdades fundamentadas em diferentes etnias, género, gerações entre outras (GONÇALVES; SILVA, 1998).

2. Cultura: uma forma dinâmica do pensamento e conhecimento

“Conhecer não é o ato através do qual um sujeito transformado em objeto, recebe dócil e passivamente os conteúdos que outro lhe dar ou lhe impõe. O conhecimento pelo contrário, exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica invenção e reinvenção” (FREIRE, 1977, p. 12).

É um equívoco, ignorar o multiculturalismo e seus visíveis pormenores. Tal como salienta Hall (2006, p. 49) a questão multicultural merece ser analisada com muita cautela. Tendo em vista que o termo ainda sofre a falta de conceitos mais complexos que nos permitam refletir melhor sobre esta temática. O que nos resta é fazer uso e continuar interrogando o próprio termo.

É importante assinalar que a cultura de uma sociedade ou de um grupo é essencialmente característica, pois tem peculiaridades próprias. Podemos alcançar o pico desta afirmação em Hall (2006) quando toma por exemplo a temática racismo e declara que o racismo é específico em cada sociedade afigurando-se de forma pessoal e singular, gerando efeitos particulares o que acaba por distinguir uma sociedade da outra. Ainda o mesmo autor acresce que os estudos culturais devem ser reconhecidos e ensinados no plural e não no singular tendo em vista a maneira individualiza e peculiar

que cada sociedade trata e encara seus assuntos. Como bem exemplifica Canen (2007) quando declara que não adianta desenvolver estratégias para combater o preconceito contra os índios se não forem levados em conta a complexidade cultural de cada comunidade indígena, com suas múltiplas línguas, seus costumes, suas crenças etc.

Eagleton (2005) argumenta que a teoria cultural teve seu surgimento a partir da Segunda Guerra Mundial, onde a política da esquerda usufruiu de um curto apogeu, antes de sumir quase por completo. As inovadas ideias culturais voltavam-se para os direitos civis. Nasce a sociedade de consumo onde a mídia, a cultura popular, as subculturas desencadeiam as forças sociais atacando as hierarquias sociais e os hábitos tradicionais de forma satírica. Decorrendo daí uma crescente transformação, onde um generalizado descontentamento se fez presente, no entanto era visualizado uma esperança. Havia de modo geral uma percepção de que o presente traria consigo um novo futuro com infinitas possibilidades. Apesar de cultura, quase, ter tradicionalmente sentido antagônico ao capitalismo, as inovadas ideias culturais adquiriram força num capitalismo onde a cultura tornava-se cada vez mais relevante.

É, portanto, necessário compreender que a falta de crença da própria sociedade, as dúvidas, as dificuldades financeiras e o nascimento do capitalismo foram fatores que desencadearam e exigiram um novo olhar que acabou por incidir sobre as desigualdades culturais, afetando sobre tudo seu processo de formação (WIEVIORKA, 2002). Como bem declara HALL (2006, p. 43) as denominadas “migrações livres e forçadas” são processos que modificam de formação, diferenciando e pluralizando as culturas e as identidades culturais de todo o planeta.

A partir de Wieviorka (2002) os recentes surgimentos das identidades culturais caracterizam-se por duas circunstâncias fundamentais: A primeira nos direciona para a

imagem de afirmações culturalmente marcadas, mas pouco diferenciada socialmente. O reconhecimento é uma das exigências destas identidades embora seus atores só sejam caracterizados de forma vaga socialmente. A segunda é marcada pelas suas exigências culturais e reclamações sociais feita por atores rejeitados, por grupos em processo de inclinação social, ou por atores dominantes que fazem uso de sua ascendência sobre a sociedade. Como bem declara Fernandes (1999, p. 19), nos dias atuais vai vencendo a aspiração pelo novo, “em ruptura com a tradição e a ordem”.

A mídia vem marcando um relevante contributo nesta procura pelo novo através da percebível e banal publicidade, dos programas de entretenimento e do modo de vestir. A globalização cultural como os demais processos globais vai além das fronteiras em seus efeitos. Suas pressões lugar/tempo acelerado pelas modernas tecnologias reduzem os vínculos entre “a cultura e o lugar”. Apesar de as culturas terem seus locais é difícil apontar suas origens (HALL, 2006).

É forte a ideia de que no período industrial inglês desenvolveu-se uma discussão onde a cultura foi considerada como ferramenta de reestruturação de uma sociedade invadida pelo mecanismo e “civilização” dos resultantes grupos sociais como alicerce de um conhecimento global. Essa discussão deu origem a uma coerente reflexão teórica, passando a ponderar a amplitude da cultura no sentido antropológico deixando de ser uma consideração centralizada em uma “cultura-nação” para uma abordagem cultural dos grupos sociais (MATTELART; NEVEU, 2004). No entendimento de Eagleton (2005) as concepções de cultura diversificam de acordo com o universo sobre o qual incidem. Necessitando contemplar as coisas no seu próprio contexto histórico.

Segundo Gonçalves e Silva (1998) a educação multicultural é um direito de todos. Um de seus alvos mais imprescindíveis é de auxiliar todos os estudantes na obtenção de

saberes, habilidades e posturas para uma ação efetiva e democrática dentro da sociedade plural na qual se encontram inseridos, de modo a facilitar uma maior e melhor interação entre os diferentes grupos, criando uma comunidade que trabalhe para um bem comum. Neste contexto Canen (2007, p. 96) realça que “o multiculturalismo crítico focaliza não só a diversidade cultural e identitária, mas também os processos discursivos pelos quais as identidades são formadas”.

Visualizamos nas novas práticas físicas, desportivas e de lazer, formas dos jovens evidenciarem as suas culturas específicas e respetivas formas de sociabilidade, neste sentido podemos considerar que no modo de ser, pensar e fazer do Homem encontra-se a essência cultural de uma sociedade e da sociedade em geral, já que, com a globalização geral e, em particular, com a globalização cultural caminhamos para a padronização e hegemonização mundial. Como bem enuncia Paiva (2009, p. 156) “a formação de uma sociedade de leitores é a preparação para o autoentendimento para a inquietação diante da realidade, para despertar a importância da interpretação e da transmissão do olhar”. É por meio desta visão ampla, aberta, humana que começa o caminho, aceitar e respeitar as características próprias de cada grupo ou sociedade entendendo que a diferença acaba por ser uma forma de ganho.

Neste contexto é imprescindível alcançarmos que a cultura local e global se entranham, por isso se faz necessário que reconheçamos a cultura do outro tão legítima quanto a nossa, apesar das diferenças, dessa forma aprendemos não só a respeitar o outro como é, como também conviver em harmonia com o outro e com tudo que nos envolve. É com esse prisma de visualização que antevemos com esperança a construção de um mundo mais humanizado.

Portanto, é um equívoco desprezar a cultura passada no presente e ignorar, no “futuro”, sua forma dinâmica e inacabada de ser.

3. Corpo, movimento, cultura

“A consciência é a função biológica crítica que nos permite conhecer a tristeza ou alegria, sentir a dor ou o prazer, sentir a vergonha ou o orgulho, chorar a morte ou o amor que se perdeu” (DAMÁSIO, 2000, p. 23).

Nada seria mais compreensivo do que indagarmos sobre nossa própria existência, levantando questões que certamente nos levariam a uma maior percepção de nós mesmos e do meio que nos envolve. Deste modo, indagaremos aqui algumas discussões relacionadas a nós mesmos, tais como: Sendo o corpo reconhecido como fonte de nossa própria existência o que seria a nossa vida sem o nosso corpo? Como é que nos reconheceríamos sem o nosso corpo? Sendo o corpo entendido como fonte de experiências expressivas e via de contato com o meio, de que forma vivenciaríamos tais experiências e contato sem o nosso corpo? O certo é que o corpo é a própria expressão do ser, “a sede da nossa existência” (GARCIA, 1997, p. 61). Nessa coerência Damásio (1998, p. 18) declara que “a mente teve primeiro de se ocupar de um corpo, ou nunca teria existido”.

Seguindo essa linha de entendimento, nada seria mais legítimo do que considerar que o ato perceptivo é uma experiência corporal que estabelece um forte elo entre o Homem e o mundo. Como teoriza Freire (1973, p. 9) o homem é um ser “incompleto e consciente de sua incompleticidade”, vive em busca permanente. Não existe homem sem busca, nem busca sem mundo. Homem e mundo se entrelaçam, interagem mutuamente, formando um “corpo consciente”. Sendo notável, com isso,

reconhecer que a existência do homem tem tanto a ver com desejo e fantasia quanto com a realidade e a razão (EAGLETON, 2005).

A partir do imprescindível reconhecimento do corpo como inerente a existência humana foram rogadas várias abordagens que segmentaram o corpo a fim de que pudesse ser melhor representado, analisado, discutido e compreendido dentro de cada ambiente social e cultural, perspetivando o desenvolvimento do humano e de sua mentalidade através do próprio corpo (GARCIA, 1997). Com a crescente importância que o corpo vem assumindo nos dias que se seguem os estudos da imagem corporal “exigida” pela sociedade aprofundam-se a partir de seus múltiplos componentes e das implicações tanto a nível fisiológico, psicológico como social com o intuito de compreender melhor esse fenômeno tão antigo e ao mesmo tempo tão emergente nos dias de hoje. Revelando a grande importância da imagem corporal, seu efeito benéfico no aumento da autoestima e a grande influência que nossa própria imagem exerce sobre aqueles que nos cercam e vice-versa.

Declara ainda Garcia (1997) que com o passar dos anos o corpo vem sendo diferenciado e valorizado de acordo com as normas culturais vigentes, retratando com lealdade a sociedade à qual pertence, ou seja, a legitimidade do corpo encontra-se vergado a uma cultura. Onde o novo encontro do homem com seu próprio corpo assume uma das características mais relevantes da contemporaneidade. Nas palavras de Daolio (1995, p. 25) o corpo é resumo da cultura, pois atesta elementos singulares da cultura na qual encontra-se inserido. Através do corpo o homem assimila e apropria-se de valores, regras e práticas sociais, “num processo de inCORPOração”.

Indiscutivelmente, o homem encontra-se enraizado a cultura, já que, o que acaba por diferenciá-lo das demais espécies é sua competência de produzir a própria cultura.

Segundo Geertz¹ (citado por DAOLIO, 1995, p. 25), a sobrevivência da própria espécie foi a cultura, o que nos permite afirmar que “a natureza do homem é ser um ser cultural”.

Sabemos que a imagem corporal é um processo contínuo do ser desde o nascimento até a morte, sujeito as acomodações e modificações do mundo de acordo com a época vivenciada. Na sociedade atual o cultivo do corpo torna-se o espelho da própria “identidade”, sendo visíveis as pressões culturais e sociais exercidas sobre o homem, pressões estas que acabam por levá-lo em busca do “corpo perfeito”, afim de que possa sentir-se bem e inserido dentro dos padrões estabelecidos pela própria sociedade – moda – no entanto a busca incessante deste corpo ideal muitas vezes pode ser traduzida em uma grande insatisfação corporal, acarretando, baixa autoestima e adoção de práticas compulsivas e até mesmo doentias, chegando, por vezes, “a autoflagelação: que se oferece como provação para dignificar e elevar o homem” (RIBEIRO, 2010, p. 63). Nesse sentido deparamos com o enunciado de Vieira (2005, p. 1) “a avaliação que cada um faz do seu próprio corpo determina sentimentos e atitudes”.

De uma maneira muito clara a sociedade contemporânea consumista instiga o “corpo” a seguir regras e padrões determinados por ela com o intuito de escravizar as pessoas a possuírem um corpo ideal, por ela padronizado, com a finalidade de torná-las compulsiva ao consumo. Na incessante busca de modificar, remodelar seu corpo conforme as exigências estabelecidas por essa sociedade, o homem passa a rejeitar sua própria imagem e procura a todo custo ser o espelho fiel desses padrões, tornando-se obcecado. E mesmo com essa obsessão, muitas vezes o indivíduo não consegue alcançar o objetivo pretendido, o que acaba por gerar uma insatisfação e frustração total levando-o a comportamentos doentios (RUSSO, 2005).

¹ GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

É reconhecível que vivemos um momento de uma profunda transformação cultural do corpo, onde a aparência, jovem e saudável encontra-se em alta, assistimos a uma extrema valorização estética do ser, onde cada sociedade constrói sua imagem corporal, ou seja, seu modo particular de ver e sentir o corpo. Comprovando-se dessa forma que a identidade do ser humano é influenciada pela aquisição da imagem corporal. Para Lima (2009) as imagens estão presentes no nosso dia-a-dia, interferem no processo de significações, na construção do sujeito moldando a sua identidade. Segundo Nolasco (2006, p. 375) “o corpo é um lugar onde é possível experimentar novas possibilidades de encontro consigo mesmo”.

A cultura corporal do homem dar-se a partir das ações corporais produzidas pelo mesmo no decorrer de sua história, através de suas representações simbólicas, sofrendo alterações ao longo de sua trajetória. Como bem enuncia Mataruna (2004), a mudança na imagem do corporal parte de uma avaliação da nova situação comparada com as situações vividas, verificadas pela própria consciência. Na continuação Nolasco (2006, p. 371) defende que “o conceito de natureza humana vem se alterando e se aproximando de um modelo em que a técnica se tornou o seu eixo norteador”.

Vieira (2005, p. 5) em seu estudo reconhece que “o corpo outrora escondido, feio e pecaminoso, torna-se nos dias de hoje exposto, belo e apazível, continuando contudo a obedecer a normas e regras sociais que valorizam a forma, a beleza, a juventude e a competitividade [...]” Então, o homem submete-se ao desejo do outro, e para isso humilha seu corpo com as mais variadas práticas de agressividade, com a finalidade de fixar-se como sujeito de uma sociedade padronizada, e acaba por se perder de si mesmo (RIBEIRO, 2010).

Reconhecemos que um ser humano completo é uma unidade bio-psico-social, à qual foi, recentemente relacionada, a dimensão ecológica. Tal como salienta Daolio (1995) o corpo humano é fruto da incorporação natureza/cultura, pois reconhecer o corpo simplesmente biológico é considerá-lo abertamente como natural. Como conceber um corpo natural não atingido pela cultura? Encontramos resposta nas palavras de Santos² (citado por DAOLIO, 1995, p. 26) “não se pode esquecer da natureza necessariamente social do uso do corpo”, sendo praticável apenas pensar novos usos corporais, já que a cultura é suscetível de novas ideias e reproduções. Como descreve Gil³ (citado por LACERDA, 2004, p. 394) “existe uma invasão do culto do corpo e uma profusão das suas significações”.

Sendo o ser humano por natureza corporal e sendo o corpo o “instrumento” pelo qual ele assimila e interage com aquilo que o rodeia, nada poderia ser mais compreensível do que alcançar o corpo como uma forma cultural de produzir a própria cultura.

4. A sociedade atual e o Outro

Nesta sociedade global, cujos contornos ainda mal conseguimos vislumbrar (GIDDENS, 2000), comunidade e cultura nem sempre coincidem. As migrações geradas pela procura de melhores condições de vida ou pela necessidade de fugir a perseguições, fez com que na mesma sociedade surgissem diferentes grupos étnicos, cada um com a sua própria identidade cultural, os seus costumes, e o seu modo de ser, estar e pensar (MAGALHÃES, 2010).

² SANTOS, F. Considerações sobre a "corpolatria". **Motrivivência**, v. 2, n.3, p.53-4, 1990.

³ GIL, J. **Metamorfoses do corpo**. 2. ed. Lisboa : Relógio D'Água Editores, 1997.

Neste contexto, coloca-se o problema do reconhecimento do direito à diferença. Isto é, que cada um possa, na sociedade onde se encontra, ter o direito de viver de harmonia com os hábitos, as crenças, e as formas de vida que fazem parte da sua cultura (MAGALHÃES, 2010).

Porém, na sociedade atual se assiste, cada vez mais, à destruição do relacionamento humano, de solidariedade e de integração, o desaparecimento da consideração pelo outro e o ressurgimento da visão do outro como ameaça (BENTO; MOREIRA, 2012).

Por outro lado, nesta sociedade de mercado global, a base moral está dominada por leis não escritas cuja finalidade última é o lucro (MAGALHÃES, 2010). Tudo que dá lucro é bom, e tudo que leva a perde-lo, é mau. O meio é a compra e venda ilimitada de tudo, e tudo se converte em mercadoria susceptível de produzir lucro, incluindo os próprios seres humanos. Valoriza-se mais o dinheiro do que a dignidade da pessoa humana.

De acordo com o mesmo autor, os valores do mercado invadem a própria convivência, condicionando propriedades, decisões e atitudes. A consequência desta situação é o desenvolvimento de um egoísmo exacerbado e de um vazio moral que desenvolve uma espécie de darwinismo social com graves consequências morais: os pobres tornam-se cada vez mais pobres, e em maior número, e os ricos mais ricos, e em menor número

Ainda que a temática da ética apareça recorrentemente no discurso político e social, a cultural atual é, paradoxalmente, cada vez mais pós-moralista (FERNANDES, 1999). Esta, cria uma nova ordem, valorizando a felicidade sobre o mandamento e o prazer sobre a proibição (LIPOVETSKY, 2004). O culto do dever não tem mais

credibilidade social e, em seu lugar, afirma-se o indivíduo como sede de direitos, na realização de si e no gozo pleno da sua existência.

A atual declaração exacerbada do individualismo mina os mais diversos grupos e instituições. O desaparecimento de uma ordem objetiva de valores deixa o indivíduo num espaço vazio (FERNANDES, 1999). O que levam Garcia; Lemos (2009, p. 102) a afirmar que a “ nossa sociedade parece viver próxima do niilismo, não quer ouvir nada sobre os axiomas da dignidade humana”

Tal não nos permite ver, muitas vezes, que não existe a cultura, mas culturas existentes entre si. “Não existe igualmente o homem, a não ser como abstração. Há tantos homens quantas as culturas concretas” (FERNANDES, 1999, p. 11).

Para Emanuel Lévinas, é o rosto do outro que solicita de mim uma responsabilidade fraternal sem tréguas e cálculo. Para este filósofo, a diversidade envolve chegar a um acordo com a alteridade e negociar a inclusão (união) (ADAIR; TAYLOR; DARCY, 2010). O reconhecimento do humano pelo humano que nos caracteriza como seres morais, implica reciprocidade (SAVATER, 2010).

Por outro lado, Levi-Strauss (2011) relembra que os antropólogos existem para testemunhar que a maneira como vivemos, os valores em que acreditamos, não são os únicos possíveis; que outros gêneros de vida, outros sistemas de valores, permitiram, e permitem ainda, comunidades humanas encontrar a felicidade.

5. Educação Física, Lazer e multiculturalismo

Partimos do pressuposto de que o desporto, a educação física e o lazer constituem práticas sociais e culturais que são permanentemente contruídas. São conhecimentos e saberes enraizados na cultura, que se manifesta como linguagens, formas modernas de

significação coletiva do mundo, e são, ainda possibilidades éticas e estéticas de humanização, se realizados e praticados como experiências educativas capazes de promover a emancipação e não a alienação.

Assim, entendemos o desporto e a práticas da educação física são bens culturais e direitos sociais, que podem ser constituintes do lazer. No entanto, o que predomina, em nossa realidade, é a sua associação com o desporto de alto nível, praticado por atletas profissionais, na maioria da vezes, servindo como referência para crianças e jovens. Segundo Carvalho (2005) uma outra dimensão precisa ser valorizada, a sua dimensão recreativa, destacando-se o seu potencial sociabilizador, sua capacidade aglutinadora e seu sentido lúdico, e possibilitando o entendimento de como e por que as atividades físicas e desportivas se fazem presentes em praticamente todas as culturas das sociedades modernas.

Portanto, a questão da alteridade, da imprescindibilidade do outro para a afirmação do eu e da cultura e formação pessoais, não pode ser alheia ao desporto (BENTO, 1999) e ao lazer. Antes pelo contrário. “A alteridade é a pedra basilar do desporto. Este é essencialmente uma instituição dependente do Outro, uma forma de relacionamento com o outro. Sem o Outro ele não existiria, tal como não existiriam a vida, a sociedade e o mundo. Logo o Outro é um valor, uma entidade valiosa e portadora de alta cotação, digna portanto de apreço, consideração e respeito” (BENTO; MOREIRA, 2012, p. 80).

São diversos os documentos e normas internacionais (como por exemplo: a Carta Olímpica; a Carta Internacional da Educação Física e do Desporto; o Código de Ética Desportiva; Carta Internacional de Educação para o Lazer) que nos falam da importância do desporto, da educação física e do lazer na defesa do multiculturalismo.

O Livro Branco do Desporto da Comissão Europeia, afirma que o desporto pode facilitar a integração na sociedade dos migrantes e das pessoas de origem estrangeira e promover o diálogo intercultural. Promove a noção comum de pertença e de participação, pelo que pode constituir um instrumento importante para a integração dos imigrantes.

Apesar das muitas iniciativas políticas e recomendações desportivas internacionais a sublinhar o papel do desporto no respeito pela diversidade, ainda se encontram muitas resistências á sua concretização.

Assim e a título ilustrativo, o desporto, quer a nível profissional ou de lazer, continua, em várias partes do mundo, a ser dominado por certos grupos que ainda ajudam a perpetuar a marginalização e subjugação, por exemplo, das mulheres, de minorias étnicas e populações indígenas (ADAIR; TAYLOR; DARCY, 2010).

Apesar da temática do multiculturalismo ter vindo a ser discutida com profundidade no âmbito da comunicação social e de áreas como a Sociologia, Antropologia e Psicologia, tal não vem acontecendo com a mesma regularidade e assertividade no campo da Educação Física (RANGEL *et al.*, 2008). Algo que é muito preocupante, porque é nas aulas de Educação Física e nas vivências de Lazer que o universo do multiculturalismo está ainda mais à mostra, pois os corpos das crianças e jovens, encontram-se em exposição, refletindo, muitas vezes, a sua cultura.

Efetivamente a Escola e a Educação Física sempre revelaram ter dificuldades em lidar com a valorização das diferenças. Tenderam, muitas vezes, ao longo da sua história, a silenciá-las e neutralizá-las, sentindo-se muito mais seguras e confortáveis com a homogeneização e a padronização (RANGEL *et al.*, 2008). Por outro lado, existem muitos profissionais de Educação Física e Desporto que revelam não estar

preparados para lidar com o crescente número de alunos com culturas diversificadas (CHEPYATOR-THOMSON *et al.*, 2008).

Entendemos que é urgente alterar esta situação. A ideia de multiculturalismo, de pluralidade cultural, já deveria ser há muito tempo uma das grandes preocupações de todo e qualquer processo educativo. Mas para haver alterações significativas a este nível serão necessárias mudanças de postura e atitudes, reformulações de currículos e envolvimento e empenhamento por parte dos professores. “A inclusão exige planos individuais de formação, uma focagem no indivíduo diferente, uma modificação criteriosa dos objetivos, das estratégias, dos conteúdos, das atividades e das formas de avaliação”(MESQUITA; ROSADO, 2009, p. 30).

Antes de mais, é necessário não esquecer que a Educação Física, como componente curricular, encontra-se situada num contexto multicultural – a escola – e, sendo assim, seus responsáveis e os professores devem trabalhar em sintonia com as outras disciplinas, na questão do respeito pela diferença multicultural (RANGEL *et al.*, 2008).

Relativamente à questão dos currículos, NEIRA (2009, p. 82) afirma que “se queremos mudar a sociedade, os currículos escolares terão que ser inevitavelmente modificados”. Defende a criação de um currículo multicultural da Educação Física com atividades escolares contextualizadas nas práticas sociais existentes e que facilite a apropriação dos elementos da cultura motora que fazem parte dos vários grupos sociais integrantes de uma sociedade. É, pois, necessário desenvolver um novo currículo, o qual deverá ser plural relativamente aos conteúdos que defende, bem como às estratégias de ensino aprendizagem que integra (MESQUITA; ROSADO, 2009).

Em termos didáticos, a otimização dos processos didáticos gerais pode contribuir para a integração dos vários indivíduos e que é necessário desenvolver uma didática específica no âmbito da Educação Física, do Desporto e do Lazer numa perspectiva intercultural (MESQUITA; ROSADO, 2009).

Os professores necessitam de mais conhecimentos e competências para planejar e a sua intervenção (CHEPYATOR-THOMSON *et al.*, 2008). É importante que tenham cuidado com o padrão de linguagem que utilizam quando comunicam com os alunos. Necessitam de ter um conhecimento multicultural, estar consciente das injustiças sociais, ter alguma familiaridade com expressões culturais diversas, com o tipo de alimentação, os feriados e outras festividades. Por último, é também importante incluir parte da cultura dos alunos oriundos de culturas diversas nas aulas de Educação Física. As atividades deverão proporcionar o maior sucesso possível, o que implica um ajustamento contante das tarefas e do seu grau de dificuldade, e a definição de metas ambiciosas mas alcançáveis (MESQUITA; ROSADO, 2009). Também o ambiente ou clima criado deverá proporcionar segurança física e emocional, sem riscos, nem ameaças à auto-estima.

Os profissionais de Educação Física, ao trabalhar diretamente com as questões culturais que envolvem o movimento humano, e as inúmeras influências sofridas por outras instituições sociais, necessita de estar preparado para tratar pedagogicamente a questão da diversidade cultural em suas aulas. E esse tratamento da diversidade não se restringe à diversidade dos sujeitos que estarão presentes na sua aula e suas inúmeras e subjetivas formas de expressão através do movimento, mas também à diversidade em relação aos conteúdos curriculares da Educação Física. Dessa forma estará (des)construindo estereótipos e práticas hegemônicas das práticas pedagógicas da

Educação Física Escolar, com ampla repercussão na vida dos sujeitos para além dos muros escolares (BASEI; FILHO, 2008).

Também a investigação desta temática na área das Ciências do Desporto necessita de ser aprofundada. Nesse sentido, sugere-se algumas pesquisas interculturais centrados em alguns tópicos (BENTO, 1999; MESQUITA & ROSADO, 2009; RANGEL ET AL., 2008):

- a cultura lúdico-motora infantil, as formas de recreação no tempo livre e de exercitação corporal nos adultos e na terceira idade;
- os valores, motivos e sentimentos habitualmente associados ao desporto e às novas práticas culturais;
- o conceito de corpo, de condição física, de saúde, de doença;
- a moral subjacente às praticas desportivas de crianças e jovens de diferentes culturas;
- o contributo da Educação Física, Desporto e Lazer para uma integração e aproximação das especificidades e diferenças;
- as atitudes e comportamentos dos Professores de Educação Física;
- as estratégias e de gestão apropriadas a contextos de interculturalidade;
- os programas de Educação Física nos ensinios básicos e secundário;
- os manuais escolares no âmbito da Educação Física;
- os planos de estudos de formação inicial e pós-graduada dos profissionais de Educação Física.

5. Considerações finais

Vivemos num mundo cheio de paradoxos: por um lado, tudo parece possível á inteligência do ser humano, desde compreender os mecanismos da vida até desbravar o espaço. Por outro lado, em alguns países, muitos homens sofrem a tortura, a fome, a perseguição por motivos religiosos, políticos e de etnia, e são condenados á morte ou á vida em condições infra-humana (LEVI-STRAUSS, 2011).

A Antropologia ensina que só nos descobrimos inteiramente através dos outros. Para alcançar tal desígnio, a sociedade atual terá de procurar uma bussola ética em torno do qual os povos se identifiquem e se sintam unidos.

Vencer o monismo cultural, quase sempre sustentado em insinuações de supremacia cultural, apresenta-se como prioridade formativa incontornável, e, em concomitância, lançar os pilares de uma genuína e duradora Educação Intercultural para todos (CARNEIRO, 2001).

Ser capaz de viver no novo oceano de culturas exige a abertura a novas ideias e o desenvolvimento de competências específicas. Trata-se de competências de integração vs segregação, de cooperação vs dominação, de acolhimento vs competição (CARNEIRO, 2001).

Todas as civilizações foram forjadas no intercâmbio, na tradução de símbolos e palavras, na permeação de ideias, na transmissão de técnicas, na propagação de lendas e ideias (SAVATER, 2010).

Uma educação para a tolerância e para a interdependência, implica o desenvolvimento pessoal de um sentimento de estima pela humanidade (CARNEIRO, 2001). Porém, e segundo o mesmo autor, a tolerância não pode ser confundida com relativismo, como algumas interpretações mais ligeiras podem fazer crer. A tolerância

não é uma atitude de simples neutralidade ou de indiferença; exige, sim, uma posição de muita firmeza.

A tolerância como valor, não pode contemplar o ridículo de uma despersonalização feita de sistemática submissão aos valores do outro, mas sim ao diálogo entre iguais, sem superioridade de nenhuma das partes (CARNEIRO, 2001). Este é um equilíbrio difícil de conseguir. Mas é, sem sombra de dúvida, um dos mais apreciáveis desafios para este milénio.

O desporto e o lazer são umas das poucas atividades sociais dos seres humanos que podem ser reconhecidas, em praticamente todas as comunidades e culturas de todo o mundo, como um veículo para unir as pessoas (ALLEN *et al.*, 2010). Podem proporcionar aos grupos minoritários e estrangeiros, oportunidades para manter os seus laços culturais fortes. Eventos esportivos internacionais como os Jogos Olímpicos ou a Copa do Mundo, fornecem oportunidades para os participantes e espectadores manter e expressar a sua filiação cultural. Assim sendo, os indivíduos que estão excluídos da participação em programas de Educação Física, Desporto e Lazer podem perder oportunidades extremamente valiosas para a sua educação, socialização e desenvolvimento.

Foi nossa intenção refletir acerca de um tema escassamente estudado na área da Educação Física, Desporto e Lazer. Entendemos ser necessário e urgente a realização de mais reflexões de constatação teórica e de inspiração para uma investigação empírica tão necessária. Necessária para fornecer informações/conduas acerca duma temática de grande interesse para a intervenção destes profissionais e do social em geral. Ser professor de Educação Física é ser um profissional competente em áreas tão diversas

como a dimensão técnica, teórica, social,... mas também na conduta axiológica. O multiculturalismo é antes de mais, da práxis axiológica.

REFERÊNCIAS

ADAIR, D.; TAYLOR, T.; DARCY, S. Managing ethnocultural and “racial” diversity in sport: Obstacles and opportunities. **Sport Management Review**, v. 13, n. 4, p. 307-312, nov. 2010.

ALLEN, J. T. *et al.* Sport as a vehicle for socialization and maintenance of cultural identity: International students attending American universities. **Sport Management Review**, v. 13, n. 4, p. 421-434, nov. 2010.

BASEI, A. P.; FILHO, W. L. Educação Física escolar na busca de interlocuções: repensando a formação de professores para uma educação intercultural. **Revista Iberoamericana de Educación**, n. 46/7, 2008.

BENTO, J. O. Contexto e perspectivas. In: BENTO, J.; GARCIA, R.; GRAÇA, A. (Org.). **Contextos da Pedagogia do Desporto**. Lisboa: Livros Horizonte, 1999. p. 19-114.

BENTO, J. O.; MOREIRA, W. W. **Homo sportivus o humano no homem**. Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2012.

CANEN, A. O multiculturalismo e seus dilemas: implicações na educação. **Comunicação e Política**, v. 25, n. 2, p. 91-107, 2007.

CARNEIRO, R. **Fundamentos da educação e da aprendizagem**: 21 ensaios para o século 21. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão, 2001.

CARVALHO, Y. **Lazer e Saúde**. Brasília: Sesi/DN, 2005.

CHEPYATOR-THOMSON, J. R. *et al.* Multiethnic Diversity in K-12 U.S. Physical Education: A Synthesis of Literature in Kinesiology-Based Journals (1995-2005). **The ICHPER-SD Journal of Research in Health, Physical Education, Recreation, Sport & Dance**, v. 3, n. 1, p. 33-39, Spring 2008.

CHOI, W.; CHEPYATOR-THOMSON, R. Multiculturalism in Teaching Physical Education: A Review of U.S. Based Literature. **The ICHPER-SD Journal of Research in Health, Physical Education, Recreation, Sport & Dance**, v. 6, n. 2, p. 14-20, Fall 2011.

CONSTANTINO, J. A globalização e a identidade do desporto africano. In: TANI, G. *et al.* (Org.). **Celebrar a Lusofonia**. Ensaios em estudos em Desporto e Educação Física. Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2012. p. 87-116.

DAMÁSIO, A. **O Erro de descartes**: Emoção, razão e cérebro humano. 18. ed. Lisboa: Publicações; Europa – América, 1998.

DAMÁSIO, A. **O sentimento de si**. O corpo, a emoção e a neurobiologia da consciência. Lisboa: Publicações Europa – América, 2000.

DAOLIO, J. Os significados do corpo na cultura e as implicações para a Educação Física. **Movimento**, v. 2, n. 2, 1995

EAGLETON, T. **Depois da Teoria**: um olhar sobre os Estudos Culturais e o pós-modernismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

FERNANDES, A. T. **Para uma sociologia da cultura**. Porto: Campo das Letras, 1999.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** São Paulo: Paz e Terra, 1977.

FREIRE, P. **Uma educação para a liberdade**. 2. ed. Porto: Textos Marginais, 1973.

GARCIA, R.; LEMOS, K. **Temas (quase éticos) de Desporto**. 2. ed. revista e atualizada. Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2009.

GARCIA, R. A evolução do homem e das mentalidades: uma perspectiva através do corpo. **Movimento**, v. 4, n. 6, p. 61-71, 1997.

GIDDENS, A. **O mundo na era da globalização**. Lisboa: Presença, 2000.

GONÇALVES, L. A. O.; SILVA, P. B. G. E. **O jogo das diferenças**: o multiculturalismo e seus contextos. São Paulo: Autêntica, 1998.

HALL, S. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

LACERDA, T. Uma aproximação estética ao corpo desportivo. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 7, n. 3, p. 393 – 398, 2004.

LEVI-STRAUSS, C. **A Antropologia face aos problemas do mundo moderno**. Porto: Porto Editora, 2011.

LIMA, J. Corpo, identidade e linguagem nas cavernas de "Moon Palace". In: AZEVEDO, A.; PIMENTA, J.; SARMENTO, J. (Org.). **Geografias do corpo**: Ensaios de geografia cultural. Porto: Figueirinhas, 2009. p. 145-164.

LIPOVETSKY, G. **O crepúsculo do dever**: a ética indolor dos tempos democráticos. Lisboa: Dom Quixote, 2004.

MACDONALD, D. *et al.* Taking exercise: cultural diversity and physically active lifestyles. **Sport, Education and Society**, v. 14, n. 1, p. 1-19, 2009.

MAGALHÃES, J. B. **Horizontes da Ética**. Porto: Edições Afrontamento, 2010.

MATARUNA, L. Imagem Corporal: noções e definições. **Revista Digital**, n. 71, 2004.

MATTA, Roberto. Você tem cultura? **Jornal da Embratel**, Rio de Janeiro, 1981, p. 1-4.

MATTELART, A.; NEVEU, É. **Introdução aos estudos culturais**. São. Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MESQUITA, I.; ROSADO, A. O desafio pedagógico da interculturalidade no espaço da Educação Física. *In*: ROSADO, A.; MESQUITA, I. (Org.). **Pedagogia do Desporto**. Cruz-Quebrada: FMH, 2009. p. 21-38.

NEIRA, M. G. O currículo multicultural da Educação Física: uma alternativa ao neoliberalismo. “O currículo multicultural da Educação Física”. **REMEFE - Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 5, n. 2, 7 ago. 2009.

NOLASCO, S. A. Body Modification (BM): o corpo e a experiência de si no contemporâneo. **Revista Mal Estar e Subjetividade**, v. 6, n. 2, p. 370-395, set. 2006.

PAIVA, F. **Eu era assim**: infância, cultura e consumismo. São.Paulo: Cortez, 2009.

PERON, V. **O discurso da Folha de SP e a Missão de Paz no Haiti**: O espaço da cultura na construção da narrativa do real. Belo Horizonte: UFMG, 2008

RANGEL, I. C. A. *et al.* Educação Física Escolar e multiculturalismo: possibilidades pedagógicas. **Motriz. Revista de Educação Física.**, v. 14, n. 2, p. 156-167, 29 set. 2008.

RIBEIRO, M. M. C. As marcas corporais: o corpo como depositário das fantasias inconscientes. **Reverso**, v. 32, n. 60, p. 61-65, set. 2010.

RUSSO, R. Imagem corporal: construção através da cultura do belo. **Movimento e Percepção**, v. 5, n. 6, p. 80-90, 2005.

SAVATER, F. **O Meu Dicionário Filosófico**. 2. ed. Alfragide: Publicações D. Quixote, 2010.

TAYLOR, C. **Multiculturalismo examinando a política de reconhecimento**. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

TAYLOR, T.; DOHERTY, A. Adolescent sport, recreation and physical education: experiences of recent arrivals to Canada. **Sport, Education and Society**, v. 10, n. 2, p. 211-238, 2005.

VIEIRA, R. **Corpos, Diferenças, Inclusões e Exclusões**. COLÓQUIO SOBRE DEFICIÊNCIA VISUAL, 1. Leiria, 2005.

WIEVIORKA,, M. **A diferença**. Lisboa: Fenda, 2002.

Endereço dos Autores:

Antonino Pereira
Escola Superior de Educação de Viseu
Rua Maximiano Aragão
3504-501 Viseu
Portugal
Endereço Eletrônico: apereira@esev.ipv.pt

Hélder Ferreira Isayama
CELAR/DEF/UFGM
Av. Pres. Antonio Carlos 6627 Pampulha
Belo Horizonte – MG – 30270-901
Endereço Eletrônico: helderisayama@yahoo.com.br

Luciane Silveira
Instituto de Educação. Universidade do Minho.
Campus de Gualtar
4710-057 Braga
Portugal.
Endereço Eletrônico: lu-corado@hotmail.com

Camilo Cunha
Instituto de Educação. Universidade do Minho.
Campus de Gualtar
4710-057 Braga
Portugal.
Endereço Eletrônico: camilo@ie.uminho.pt